

Breve leitura da teologia do Gustavo Gutiérrez: Contexto, formulação e atualidade para a África

Christian Dino Batsi¹

Resumo: A Teologia da Libertação, esboçada por Gustavo Gutiérrez, conquistou importantes espaços na reflexão teológica. E até mesmo as realidades africanas podem se espelhar nesse modo de fazer teologia, comprometendo-se com o contexto e a realidade local. O presente artigo visa abordar a formulação desta teologia do autor, enfatizando seu contexto de surgimento e sua formulação, bem como, compreender o conceito de libertação tal como pensado pelo teólogo peruano e sua atualização para África.

Palavras-chave: Teologia. Libertação. Gustavo Gutiérrez. África. América Latina.

INTRODUÇÃO

O estudo de Teologia auxilia o estudante a refletir sobre sua própria fé. Também o ajuda na busca por entender aquilo em que sua comunidade acredita e vive, isto é, uma fé “autêntica e plena” (GUTIERREZ, 1986, p.15). Destarte, a exigência deste labor exige, além de um estudo mais aprofundado, estar a serviço e no tempo de sua comunidade, afirmando sua atividade de teólogo “como reflexão crítica sobre a práxis” (GUTIERREZ, 1986, p.18). No fundo, trata-se da busca de uma reflexão contextualizada para atender determinadas situações em que se vive e em que se pratica a fé cristã. Pretende-se, com esta pesquisa, investigar a Teologia da Libertação formulada por Gustavo Gutiérrez Merino Díaz.

Nascido em Lima no dia 08 de junho de 1928, começou seus estudos universitários optando pela medicina na Universidade Mayor de San Marcos e, no ano posterior, pelo curso de Letras na Universidade Católica del Peru, ambas em Lima (GUTIERREZ, 2008, p. 10-11). Depois de ter passado um semestre, em 1951, em Santiago do Chile, e de ter feito sua opção pela vida sacerdotal, Gutierrez mudou-se para a Bélgica, onde estudou na Université Catholique de Louvain até 1955. Licenciou-se em Filosofia e Psicologia, transferindo-se, logo depois, para a Université Catholique de Lyon, quando iniciou a sua formação teológica tendo saído para se ordenar sacerdote da Igreja católica.

¹ Religioso da Pia Sociedade de São Paulo (Padres e Irmãos Paulinos), natural da República Democrática do Congo, foi aluno FAJE e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), entre setembro de 2021 e setembro de 2022, vinculando-se ao projeto de pesquisa do orientador, o Prof. Dr. Pe. Francisco das Chagas de Albuquerque, SJ, intitulado “A Teologia de Gustavo Gutiérrez: a relação entre teologia-libertação, missão-incidência social”, que pertence à Linha de Pesquisa “Espiritualidade Cristã e Pluralismo Cultural e religioso”, do Programa de Pós Graduação em Teologia da FAJE. E-mail do autor: christiandino46@gmail.com.

Ao retornar para a Europa, estudou um semestre na Universidade Gregoriana de Roma, onde permaneceu até 1960. Estudou no Institut Catholique de Paris, local em que cursou os créditos faltantes de seu doutorado, começou a redigir sua tese, que nunca concluiu, e que seria uma tentativa de aprofundar o estudo sobre a liberdade religiosa. Nela encontram-se anotações sobre os seus interesses no pré-Concílio Vaticano II (GUTIÉRREZ, 2008, p.11). O tema “salvação” é aquele que permeia toda a sua inquietude.

Ao voltar da Europa, “foi designado para a paróquia Rímac, nos subúrbios miseráveis de Lima. Ali, constatou a pobreza injusta de um povo profundamente religioso, o que o fez refletir sobre sua experiência social à luz da palavra de Deus” (GUTIÉRREZ, 2008, p.10). Como Assessor da União Nacional dos Estudantes Católicos (UNEC), Gutierrez começa a lecionar no departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica del Peru.

Ao todo, a década de 1960 serviu de aprendizado para ele, sendo que em 1964, por exemplo, participou da primeira reunião² de teólogos da América Latina, ocorrida em Petrópolis, Rio de Janeiro (MÜLLER; GUTIERREZ, 2014, p.10). Observa-se neste encontro que “Gustavo Gutiérrez apresenta a teologia como uma reflexão crítica sobre a práxis, à luz da fé, colocando, assim, as bases de um novo método ou de uma nova maneira de teologizar” (MÜLLER; GUTIERREZ, 2014, p.10). Em seguida, a vida dinâmica de Gutierrez o levou para a Teologia Latino-Americana (GUTIÉRREZ, 2008, p.10). A sua angústia foi amenizada quando participou da IV sessão do Concílio Vaticano II entre os dias 07 e 08 de dezembro de 1965.

Nessa ocasião, “resolveu fazer um retiro pessoal durante o qual teria ouvido um discurso radiofônico de Paulo VI sobre o significado do Concílio, de onde originou, definitivamente, o caráter de sua teologia para a América Latina” (ALMEIDA, 2005, p.16) que, qualitativamente, precisaria ser diferente da realidade da Europa, onde tinha estudado e apreendido o significado da teologia para a vida da Igreja. Encontrou ali no resultado do Concílio, um lugar importante para a teologia que tinha estudado e com a qual havia se identificado. Mas, por outro lado, lhe crescia certa inquietação: os grandes desafios do povo latino-americano não estiveram suficientemente presentes no Concílio (MÜLLER; GUTIERREZ, 2014, p.8). “(...) (Seu) lado europeu (...) podia estar satisfeito, mas (seu) lado latino-americano, mais mestiço ou índio, ficava desorientado como que esperando outra coisa” (ALMEIDA, 2005, p.17).

Entre os anos de 1966-1967, sua vida tomava um rumo ainda mais produtivo, pois se deparou com a confecção do Documento de Trabalho da Conferência de Medellín, precedido por reuniões das quais participou e que demonstrariam o tom do encontro de 1968, que reunirá as três acepções de pobreza: “material, espiritual e compromisso solidário com os pobres” (ALMEIDA, 2005, p.18). Assim, para o contexto sócio-político da América Latina se revelaria decisivo enxergar o surgimento da reflexão teológica própria do continente.

2 Encontro com propósito de proporcionar o intercâmbio de ações pastorais e futuras iniciativas capazes de reforçar a ideia de uma igreja atrelada às necessárias mudanças das realidades nacionais da América Latina.

Somados esses contextos, é preciso salientar *en passant* as mudanças causadas pelos movimentos sociais nas décadas finais do século 20, que resultaram na democratização nos anos 1980. Em seguida, o fim do socialismo da União Soviética, o circuito capitalista e o mercado internacional (a dependência), que deixaram de lado o terceiro mundo, do qual fazia parte o continente latino-americano. Gustavo Gutiérrez aponta esse contexto histórico marcante para a América Latina, como consequência de “irrupção dos pobres em busca de libertação” (GUTIÉRREZ, 1986, p.15). Deste modo, surgiu a necessidade de um compromisso diante da luta contra a situação de pobreza da população.

A teologia da libertação, que surgiu na América latina a partir de Peru com Gutiérrez, não prescinde deste contexto geral do continente latino-americano e vem como auxílio e instrumentos teóricos para a compreensão da realidade social, da fé e do modo de se pensar a Igreja no processo libertador. O Concílio Vaticano II, de fato, já tinha aberto a possibilidade do pensar “ser Igreja”, visando uma abertura ao mundo e o envolvimento com seus problemas (LG, n. 50; GS, n. 40).

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* chama, por exemplo, para “investigar os sinais dos tempos”. A teologia da libertação, nascendo com Gutiérrez, seria dessa forma, “uma tentativa de leitura desses sinais dos tempos, reflexão crítica à Luz da Palavra de Deus” (GUTIÉRREZ, 1986, p. 30-33). É a essa altura que se propõe ler a contribuição de Gustavo Gutierrez para a TdL, como o produto desta crise geral da Igreja dentro do contexto social específico da América Latina.

Esta pesquisa se propõe justamente a abordar a contribuição do autor Gutiérrez para a Teologia da Libertação, amparada em sua obra prima *Teologia da libertação. Perspectivas*. Deste modo, lendo esta obra e as demais produzidas por ele, assim como as de outros teólogos, busca-se identificar sua teologia e o contexto de seu surgimento. A metodologia utilizada na pesquisa é a revisão bibliográfica, baseada na obra do autor de *Teologia da Libertação. Perspectivas*. Propõe-se fazer leitura restrita a esse texto do autor, com o recurso a outros textos sobre sua obra.

A divisão das partes do trabalho é feita de maneira a contextualizar, em primeiro lugar, a formulação da Teologia da libertação latino-americana e em seguida, destrinchar o sentido que leva a palavra “libertação” na acepção teológica da teologia da libertação conforme pensada por Gutierrez. Neste segundo momento também se relê brevemente essa teologia com perspectiva de atualização da realidade africana.

1 FORMULAÇÃO DA TEOLOGIA LATINO-AMERICANA DA LIBERTAÇÃO

Este primeiro capítulo pretende apresentar a Teologia da Libertação como produto de múltiplas histórias sócio-políticas e culturais. Nesta perspectiva, espera-se, seguindo o pensamento de Gustavo Gutierrez, destacar na formulação de sua teologia, a expressão e resposta a uma realidade que não pode ser desvinculada da realidade concreta.

Com o intuito de trazer uma visão geral da formulação da teologia do autor, propõe-se, em primeiro lugar, apresentar sua figura como teólogo e precursor da Teologia da Libertação. Sendo que esta teologia emergiu de um contexto e realidade reais, sugere-se, em um segundo ponto, expor a teoria da dependência como uma referência importante para se pensar a TdL. Pois, a libertação, no conceito da teologia do autor, decorre, essencialmente da constatação da dependência e suas consequências.

1.1 GUSTAVO GUTIÉRREZ: UM DOS TEÓLOGOS PRECURSORES DA TdL

Apontar Gustavo Gutiérrez como um dos precursores da TdL, significa pontuar seus esforços para o início da reflexão teológica própria da América Latina. O contexto em que surge essa reflexão já pode, em si mesma, ajudar a explicitá-la. A publicação de sua obra *Teologia da Libertação. Perspectivas* é, nesse sentido, sem dúvida, prova incontestável. “O esboço de uma nova teologia, sistematicamente articulada, veio à tona com a obra pioneira de Gustavo Gutiérrez (...). O ensaio teve o mérito de transformar o conceito libertação numa ótica fundante de um sistema teológico” (MÜLLER; GUTIÉRREZ, 2014, p.13).

De fato, esta obra se impõe na área da pesquisa teológica da libertação como um marco de grande prestígio na América Latina. Além de ser considerada como um vade-mecum de Teologia da libertação, ela aporta uma visão mais representativa, completa e coerente em comparação às obras dos outros teólogos da libertação, como Hugo Assmann³, Enrique Dussel⁴, Ruben Alves⁵ e Leonardo Boff⁶. A figura do teólogo peruano ainda aparece entre a “brilhante geração de teólogos latino-americanos que se formaram na Europa” como um dos precursores desta área (GUTIÉRREZ, 2008, p.9).

Outros elementos interessantes tocam a própria afirmação do autor ao apresentar sua obra como “um ensaio de reflexão, a partir do Evangelho e da experiência de homens e mulheres engajadas no processo da libertação, neste subcontinente de opressão e pilhagem que é América Latina” (GUTIÉRREZ, 1986, p.11). Tal afirmação enfatiza o esforço teológico do autor em propor explicação a um fenômeno novo na Igreja latino-americana e dela sobressair os valores da fé, da caridade e da esperança.

Desse modo, ainda se destaca por enxergar que a práxis libertadora deve ser o lugar teológico privilegiado e obrigado da teologia latino-americana, que convida o teólogo a redescobrir o sentido do cristianismo e a redefinir a missão de Igreja. Vale, além disso, mencionar que a conferência de Gustavo Gutiérrez em Chimbote em 1968 é considerada como o primeiro lugar onde o autor fez uso público documentado da expressão “teologia da libertação”

3 Teólogo brasileiro. É um dos pioneiros da Teologia da Libertação no Brasil.

4 Filósofo argentino enraizado desde 1975 no México. Com pensamento discorrendo sobre temas como filosofia, política, ética e teologia, ele é uma das grandes figuras da filosofia da libertação e do pensamento latino-americano em geral

5 Psicanalista, educador e teólogo presbiteriano e um dos teólogos da libertação.

6 É um teólogo, escritor, filósofo e professor universitário brasileiro. Expoente da teologia da libertação no Brasil.

em um contexto católico (GUTIÉRREZ, 1986, p.15). Fato este que pode lhe atribuir a “paternidade” da teologia da libertação.

Situar a emergência de sua reflexão no seu contexto eclesial local e universal leva da mesma forma a contemplá-lo como uma das figuras precursoras da TdL. No mesmo ano de 1968, o uso público do termo “teologia da libertação” foi marcante para a conferência do CELAM em Medellín (Colômbia), que queria atualizar, para o continente latino-americano, o Concílio Vaticano II, recém-concluído.

O documento de Medellín sublinhou o problema da pobreza como um desafio à teologia (Pobreza, n.1). Essa percepção também ressoa com força no pensamento do teólogo peruano: “A teologia da libertação nasceu do desafio que representa para a fé, a pobreza geral e desumana existente na América Latina e no Caribe” (GUTIÉRREZ, 1998, p.29).

Não se pode esquecer que Gustavo Gutierrez pertencia ao grupo daqueles estudantes da América Latina com espírito e mente abertos ao apelo do papa João XXIII convocando o concílio Vaticano II, em 25 de janeiro de 1959. Que com a tríplice finalidade, como bem recorda Gutiérrez, enfatiza a questão da pobreza: “a abertura da Igreja ao mundo moderno e à sociedade, perscrutando ‘os sinais dos tempos’, a unidade dos cristãos ou presença ativa da Igreja no ecumenismo e a Igreja dos pobres em estrita fidelidade ao evangelho” (GUTIÉRREZ, 2008, p.9).

A proposta do papa João XXIII, da “Igreja de todos e especialmente a Igreja dos pobres”, em seu discurso de 14 de setembro de 1962, deve ter ressoado com força na mente do teólogo peruano. Nesse caminho de formulação da TdL, é evidentemente oportuno mencionar também *Gaudium et Spes*, com a chamada dos “sinais dos tempos” e o *Pacto das Catacumbas*⁷. Importante salientar, a propósito:

desde João XXIII e o Vaticano II principia chamar-se teologia dos *sinais dos tempos*, não apenas como um apelo à análise intelectual, mas antes de tudo, exigência de ação pastoral, de compromisso, de serviço aos demais. Daí esta responsabilidade cabe a todo cristão, especialmente a pastores e teólogos (GS n. 44).

Em sua leitura desse documento conciliar, Gutiérrez (1986, p.21) afirma: “a função dos teólogos (...) será o de contribuir para maior lucidez nesse compromisso, graças à análise intelectual”. Ele mesmo se empenhou a isso, dando o ponto de partida da TdL ao levar em conta o fenômeno massivo da pobreza no continente (GUTIÉRREZ, 1986), que aos olhos

7 Em 16 de novembro de 1965, poucos dias antes do encerramento do Concílio Vaticano II, cerca de quarenta bispos, a maioria latino-americanos, celebraram uma Eucaristia na catacumba de Santa Domitila. Os participantes assinam *Pacto das Catacumbas* pelo qual, se comprometem a viver de forma evangélica o exercício do seu ministério. Anos depois, o teólogo belgo-brasileiro Joseph Comblin voltou a este evento, acreditando que estava na origem de um novo “franciscanismo” na América Latina. Os bispos signatários eram os animadores da Conferência de Medellín, onde a transição para esta nova etapa nasceu.

de teólogo, é “um insulto à bondade de Deus, manifestada em toda a Bíblia” (CHEZA, 2018, p.143).

Tal constatação, não pode, porém, ser vista como uma escolha ideológica, mas como familiaridade com o Deus da Bíblia e resultado de um compromisso claro e arriscado com a defesa dos oprimidos. O conceito “filantropia de Deus”, desenvolvido por Luis Martinez (2017), auxilia a melhor fixar essa tomada de partido pelos pobres. Esse apelo pela realidade da pobreza e suas causas, porém, já vem do Vaticano pela chamada “opção preferencial pelos pobres”, pela qual preza Gustavo Gutierrez assim como sobressai explicitamente na Conferência de Puebla (1979).

Assim, inspirado pela perspectiva do Concílio Vaticano II, vai-se afirmando a intuição de Gutiérrez para uma teologia propriamente latino-americana vivendo essa realidade da pobreza (MÜLLER; GUTIÉRREZ, 2014, p.9). Daí, enxerga-se nitidamente seu fazer teológico enraizado numa realidade contextualizada: “a reflexão teológica coloca-se em primeiro lugar (...) a serviço da vida cristã e da missão evangelizadora da comunidade eclesial; mas, por isso mesmo, constitui igualmente um serviço à humanidade” (GUTIÉRREZ, 1998, p.10).

Ao falar de Gustavo Gutierrez como um dos precursores da TdL, constata-se que se trata principalmente dos mais pobres econômicos. Esta pesquisa está ciente da diversificação que, com o tempo, tomou a teologia da libertação, ampliando seu campo para os afro-americanos, índios, mulheres e todos os marginalizados e excluídos, incluindo LGBTQIA. Também outra vertente, com questões ecológicas.

Qualquer que seja a vertente, fiel ao espírito da TdL de Gutiérrez, a reflexão teológica começa por reunir a miséria de grande parte da população, e esta, pode advir de várias áreas da vida. Portanto, ressalta-se que o ponto de partida da TdL, conforme nos deixa entender o autor, é um compromisso concreto em denunciar as causas dessa situação. Para ele, isso é acompanhado por uma profunda mudança interior, assim como explicita:

Trata-se de deixar-se julgar pela Palavra do Senhor, de pensar a nossa fé, de tornar mais autêntico o nosso amor, de justificar a nossa esperança num compromisso que visa ser mais radical, mais total, mais eficaz. Trata-se de repensar os grandes temas da vida cristã em meio à mudança radical de perspectiva que vivemos hoje (GUTIÉRREZ, 1986, p.11).

Tal afirmação torna-se mais evidente ainda com a explicação de Maurice Cheza, um teólogo belga, inspirado na fala de Jacques Noyer⁸, que assegura que a TdL parece mais próxima do *dabar* do que do *logos*. “Dabar é a palavra hebraica para fala. Isso está intimamente ligado à ação: Deus disse e fez. A palavra bíblica cria algo novo, enquanto a palavra grega

8 Jacques Noyer é bispo emérito de Amiens. E afirma no texto original: “la parole biblique lance dans l’histoire, invite à la liberté, annonce des temps nouveaux”. Tradução livre: “a palavra bíblica lança-se na história, convida à liberdade, anuncia novos tempos”.

logos é abstrata e a-histórica” (CHEZA; SAAVEDRA; SAUVAGE, 2018, p.143)⁹. De tal intuição, se pode dizer que a teologia é “compreendida por Gustavo Gutiérrez como ‘um momento segundo’, precedido pela práxis de libertação. É o que mais tarde se denominará ‘passo zero’, ‘ato primeiro’, ou ‘momento pré-teológico, que pressupõe o engajamento ou a experiência de Deus no pobre’ por parte do teólogo” (MÜLLER; GUTIÉRREZ, 2014, p.14). O teólogo peruano sublinha esse fato de tomar a práxis como lugar teológico:

tudo o que se disse acerca da função da teologia em geral se aplica a determinada teologia. É esse caso da teologia da libertação. Como toda compreensão da fé, ela nasce num lugar e num momento precisos, buscando responder a situações históricas mutáveis por natureza, situações que desafiam e, ao mesmo tempo, abrem novos caminhos para a tarefa evangelizadora da Igreja (GUTIÉRREZ, 1998, p.12).

Assim, a teologia da libertação “se autocompreende não como uma teologia do genitivo, em que a libertação é apenas um tema; ao contrário, esta se constitui numa ótica, a partir da qual se lê a globalidade da revelação” (MÜLLER; GUTIÉRREZ, 2014, p.13). Desse modo, ressalta-se ainda com muita força que “a Teologia da Libertação é uma teologia fundamental que relê, de maneira indutiva, ou seja, a partir da situação histórica de uma América Latina dependente e dominada, a mensagem revelada como todo” (MÜLLER; GUTIÉRREZ, 2014, p.14).

Como se pôde perceber, no início, dizia respeito principalmente aos pobres econômicos. É preciso, portanto, sublinhar que a pobreza de que fala Gutierrez é uma realidade social, política e econômica, que se desenvolveu no decorrer da história, em decorrência de várias realidades que este trabalho quer no próximo capítulo abordar: a chamada corrente da dependência.

1.2 TEORIA DA DEPENDÊNCIA: UMA REFERÊNCIA FUNDAMENTAL DA TDL

Na elaboração de seu projeto teológico, Gutiérrez recorre às ciências humanas, sociais e à filosofia contemporânea. Ele mesmo as reconhece “necessárias para conhecer a realidade econômico-social” (GUTIÉRREZ, 2008, p.34). Assim, não se surpreende, por exemplo, na formulação da TdL, que o teólogo peruano insista na teoria da dependência, cujos aspectos econômico e político, presentes na América Latina, são causas de misérias e pobreza. Propõe-se nesta parte do trabalho apresentar brevemente esta teoria como referência fundamental para situar o ambiente e ao mesmo tempo, o contexto no qual surgiu a teologia da libertação.

De fato, o próprio autor sustenta que “a noção de dependência surge como elemento-chave para a interpretação da realidade latino-americana” (GUTIÉRREZ, 1986, p.80). O

9 Tradução livre do texto original: “Le *dabar* est le mot hébreu pour désigner la parole. Celle-ci est intimement liée à l’action : Dieu dit et il fit. La parole biblique crée du neuf, tandis que la parole grecque (*logos*) est abstraite et anhistorique”.

recurso a ciências sociais, aqui especificamente pelo modo de atuação da dependência, são, de ponto de vista teológico, tentativas em seus primeiros passos de reflexão teológica. Além disso, esse procedimento de fazer teológico demonstra o quanto “as teologias trazem necessariamente a marca do tempo e do contexto eclesial em que nascem” (GUTIÉRREZ, 1998, p.11).

Gutierrez menciona a teoria da dependência embasando-se no trabalho do cientista brasileiro Fernando Henrique Cardoso e o sociólogo chileno Enzo Faletto que sistematizam o conceito no início da década de 1960, porém o conceito já era discutido por economistas e outros intelectuais latino-americanos desde a década de 1940. No livro *Dependência e Desenvolvimento*, os autores tentam explicar o desenvolvimento socioeconômico na região, em especial a partir de sua fase de industrialização, iniciada entre as décadas de 1930 e 1940. Assim, pretendem:

Esclarecer alguns pontos controvertidos sobre as condições, possibilidades e formas do desenvolvimento econômico em países que mantêm relações de dependência com os pólos hegemônicos do sistema capitalista, mas, ao mesmo tempo, constituíram-se como Nações e organizam Estados Nacionais que, como todo Estado, aspiram à soberania (CARDOSO; FALETTTO, 1970, p.7).

No fundo, eles ressaltam a natureza política e social do desenvolvimento do continente Latino Americano. Constatam a dificuldade dos países dependentes em criar uma economia forte o suficiente para ter um desenvolvimento autônomo. O teólogo peruano percebe, com base em estudos dos cientistas sociais latino-americanos empenhados em estudar a questão que “a situação de subdesenvolvimento é resultado de um processo histórico” (GUTIÉRREZ, 1986, p.79), ou seja, em relação ao desenvolvimento e expansão dos grandes países capitalistas.

Decorre disso que a América Latina se estruture como um “subcontinente explorado e dependente, habitado por um povo pobre e oprimido, profundamente religioso, submetido a regimes injustos sob o signo da dominação capitalista” (GUTIÉRREZ, 2008, p.11), e também que “os países latino-americanos são “originária e constitutivamente dependentes” (GUTIÉRREZ, 1986, p. 80).

A leitura da teologia de Gustavo Gutierrez não prescinde desse contexto. Ainda como teólogo, ele escuta a voz do magistério e dá uma resposta à proposta do Papa João XXIII de “Igreja de todos e especialmente a Igreja dos pobres”. Mas também, as denúncias como “miséria desumana” (Medellín) “pobreza antievangélicas” (Puebla) e “intoleráveis extremos de miséria” (Santo Domingo) ressoaram com força, apelando diretamente a uma conscientização da Igreja e dos cristãos em nome do evangelho.

O teólogo peruano enxerga assim a situação de dependência como ponto de partida para o correto entendimento do subdesenvolvimento na América latina e suas conseqüentes formas, gerando o desnível entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos. Pode-se,

assim, ler o projeto teológico de Gutierrez como resposta à mensagem do magistério na acepção da pobreza¹⁰ como compromisso, isto é, “solidariedade com o pobre e protesto contra a pobreza” (GUTIÉRREZ, 1998, p.13). Desse modo, o teólogo faz uma leitura do tempo, que

implica abertura e disposição para escutar”, e ao mesmo tempo, em função da tarefa de anúncio do Reino de Deus e do discurso sobre a fé, ele examina a nova situação a partir do Evangelho. É o que Gutierrez faz de maneira bem concreta a partir da opção preferencial pelos pobres. Questão modular na teologia da libertação” (GUTIÉRREZ, 1998, p.8).

A percepção do fato da dependência e de suas consequências permite nova tomada de consciência da realidade latino-americanana. A teoria do desenvolvimento, proposta pelos cientistas sociais, assim como lê Gutiérrez (1986, p.84) “deve considerar a situação de dependência e as possibilidades de libertar-se dela”. Mas é bom salientar que “a necessidade de um vasto processo de libertação na América Latina surgiu antes que se cristalizasse, como pensamento estruturado, a teologia da libertação” (GUTIÉRREZ, 2008, p.11). Gutiérrez valeu-se do conceito para lê-lo numa perspectiva teológica.

2 DO CONCEITO DE “LIBERTAÇÃO” À “LIBERTAÇÃO” NA PERSPECTIVA TEOLÓGICA

Tendo apresentado brevemente o contexto e a formulação da TdL segundo Gutiérrez, agora tenta-se destrinchar o sentido determinante da palavra “libertação” na acepção teológica conforme pensada pelo autor. O maior esforço dessa parte será na busca de atualizar a teologia do autor para a missão da Igreja na África.

2.1 ACEPÇÕES DO CONCEITO “LIBERTAÇÃO”

A breve apresentação da teoria da dependência permitiu situar o contexto de desenvolvimento da América Latina e as consequências desse processo dependente na própria vida do continente. É com razão que o próprio Gutiérrez vê nesse processo uma saída do continente para uma “transformação profunda, uma *revolução social* que mude radical e qualitativamente as condições em que vive” (GUTIÉRREZ, 1986, p.85).

Trata-se, no fundo, de uma nova consciência da realidade latino-americana, que só acredita num desenvolvimento autêntico na libertação da dominação exercida pelos grandes capitalistas e, em especial, pelo país hegemônico. Assim, como averigua o teólogo peruano em sua leitura dessa corrente, esse processo da libertação permitiu aos setores oprimidos no

10 Até meados da década de 60, formula-se no campo teológico a distinção entre três acepções do termo ‘pobre’: a) a pobreza *real*, chamada com frequência pobreza material, como um estado escandaloso, não desejado por Deus; b) a pobreza *espiritual*, como infância espiritual, de que é uma expressão –não única– o desprendimento diante dos bens deste mundo; c) a pobreza como *compromisso* (Gutierrez, 1998, p.13).

interior de cada país tomar consciência, lentamente, para o que ele chamou de “a construção de uma nova sociedade” (GUTIÉRREZ, 1986, p.85).

O teólogo peruano constata, porém, que à busca dessa libertação, “surge no continente latino-americano movimentos de guerrilhas, com os reveses militares” (GUTIÉRREZ, 1971, p.85). Esses movimentos beligerantes sustentam libertação por forças armadas, que geram reação, em muitos casos, a severas e brutais formas de repressão, assim causando o que o autor chama pela expressão de Dom Helder Câmara, de “espiral de violência” (GUTIÉRREZ, 1986, p.88). Outra vertente da libertação é aquela assumida por Paulo Freire.

Gutiérrez percebe que o processo de libertação de Paulo Freire foi criador e fecundo na terra Latino-americana. Isso, sobretudo nas experiências e trabalhos que tencionam constituir uma “pedagogia do oprimido” por meio de uma “ação cultural”. Esta sustenta o esforço de libertação em que está empenhado o homem latino-americano. O teólogo peruano explicita que, para Freire, “a libertação para ser autêntica e plena, deverá ser assumida pelo próprio povo oprimido, que anseia para uma verdadeira revolução cultural, e para isso deverá partir de seus próprios valores (GUTIÉRREZ, 1986, p.88-89).

Paulo Freire denomina esse processo de “conscientização”. Ou seja, o oprimido “extrojeta” a consciência opressora que nele habita, adquire conhecimento de sua situação, encontra sua própria linguagem e torna-se, ele próprio, menos dependente, mais livre, comprometendo-se na transformação e construção da sociedade (GUTIÉRREZ, 1986, p.89). O conceito “libertação”, como se pode perceber, nasce num contexto político-econômico e cultural. Entretanto, a libertação de que fala Gustavo Gutierrez não é um programa político. Ela se situa em três níveis que se cruzam.

O primeiro nível é *econômico*, isto é, é preciso combater as causas das situações injustas. Aqui, a libertação vai além da superação da dependência econômica, social e política. Consiste, mais profundamente, em ver o “devir da humanidade como um processo de emancipação do homem ao longo da história” (GUTIÉRREZ, 1986, p.88). Esse devir da humanidade deve ser orientado para uma sociedade qualitativamente diferente, na qual se sinta o homem livre de toda servidão, seja o artífice de seu próprio destino. “É buscar a construção de um homem novo” (GUTIÉRREZ, 1986, p.89).

O segundo nível é do *ser humano*. Nesse nível da libertação, não basta mudar as estruturas, mas é preciso mudar o ser humano. Gutiérrez parte de ideia de que quando se caracteriza a América Latina como um continente dominado e oprimido, leva-se, naturalmente, a falar de libertação e, sobretudo, a participar do processo que a ela conduz. Isso retoma de certo modo o processo da libertação como pensado por Freire, isto é, de participação do próprio oprimido no seu processo de libertação pela ação cultural e conscientização. “Trata-se de um termo que exprime nova posição do homem latino-americano” (GUTIÉRREZ, 1986, p.84).

O terceiro nível, mais profundo, é *teologal*, ou seja, é preciso se libertar do pecado, que é a recusa de amar a Deus e ao próximo. No fundo, esse nível teologal da libertação aponta

para a realidade escatológica. Isso se clareia quando o teólogo peruano afirma que “o político se enraíza no eterno” (GUTIÉRREZ, 1986, p.239) e, por conseguinte, a salvação escatológica, que ele define em termos de “comunhão dos homens com Deus e comunhão dos homens entre eles” (GUTIÉRREZ, 1986, p.154), implica necessariamente a criação da fraternidade humana pela supressão de todas as injustiças, cuja raiz profunda é o pecado. Tal processo, portanto, começa já aqui na terra. Gutiérrez ainda vai além afirmando que

a libertação do pecado vai ao coração mesmo da existência humana, ali onde a liberdade de cada um aceita ou rejeita – em última instância – o amor gratuito e redentor de Deus, nada escapa à ação salvífica de Jesus Cristo. Esta alcança e deixa a sua marca em todas as dimensões humanas, pessoais e sociais (GUTIÉRREZ, 1998, p.11).

A distinção dos três níveis da noção de libertação, ou seja, ‘a unidade destes três planos’ implica como afirma Puebla (n.326), ‘o mistério da morte e ressurreição de Jesus Cristo deve ser vivido nos três planos (...) em nenhum deles exclusivamente’. Quer dizer que a libertação social e política não deve ocultar de modo algum o significado final e radical da libertação do pecado, que só pode ser obra de perdão e da graça de Deus (GUTIÉRREZ, 2008, p.34-35). Em outras palavras, nenhum dos níveis da libertação pode encobrir a libertação integral em Cristo que leva à plena comunhão com Deus e com os outros, como também enfatiza *Lumen Gentium* (n.1).

E para o autor, este é o nível próprio e direto do evangelho, cujo conteúdo é o Reino, porém deve ser acolhido por pessoas que vivem na história e, por conseguinte, “o anúncio de um reino de amor, de paz e de justiça incide na convivência social” (GUTIÉRREZ, 2008, p.34). No fundo, uma opção clara pelo setor oprimido e por sua libertação leva a profundas reconfigurações e à nova visão de fecundidade e originalidade do cristianismo, bem como do papel que pode exercer nesse processo a comunidade cristã. Pois, “um cristianismo sem incidências na realidade histórica corre o risco de esterilizar a fé, evadir-se da caridade socialmente entendida e tergiversar a dimensão ativa da esperança” (GUTIÉRREZ, 2008, p.12).

A essa altura, levanta-se a questão sobre o papel da Igreja nas experiências concretas e de como ela dá testemunho do evangelho “rompendo suas ligações com uma ordem injusta e que, na renovada fidelidade ao Senhor que a convoca e ao evangelho que ela prega, comprometa sua sorte com a daqueles que sofrem miséria” (GUTIÉRREZ, 1986, p.94). Como estudante africano e pesquisador de iniciação científica, tal observação leva a pensar no próximo ponto: a possível atualização dessa leitura de Gutiérrez à luz da realidade da Igreja africana, isto é, olhando para as relações entre Teologia da libertação e Igreja.

2.2 ATUALIZAÇÃO DE GUTIÉRREZ PARA A MISSÃO DA IGREJA NA ÁFRICA

No percurso feito até agora, percebe-se que Gutiérrez nos propõe tanto o tema para a reflexão quanto um *novo modo* de fazer a teologia. Trata-se de teologia como “reflexão crítica da práxis histórica”, uma teologia da transformação e libertadora da história da

humanidade. Portanto, uma porção dela, reunida em *ecclesia*, que confessa abertamente Cristo (GUTIÉRREZ, 1986, p.27). Nesse esforço, salienta-se uma contestação da existência de uma Teologia, ou seja, a universalização de uma Teologia em prol da formulação de uma teologia contextual que atende ao problema local, pois o autor afirma que “(...) em toda a comunidade cristã, há, pois, um esboço de teologia, de esforço de inteligência da fé. Algo assim como uma pré-compreensão de uma fé feita vida, gesto, atitude concreta” (GUTIERREZ, 1986, p.15).

Isso enfatiza o modo de fazer a teologia como parte de um compromisso concreto com a luta libertadora dos oprimidos. Trata-se, portanto, de um apelo de agir sobre o contexto, depois repensá-lo e agir novamente, de acordo com um ciclo alternado de ação e reflexão. É desse modo de fazer teologia, por reflexão e atitude crítica, que o continente africano se sente convocado por Gustavo Gutiérrez.

Com efeito, é um apelo para a África entrar numa fase urgente de reflexão onde as questões mais importantes serão menos o futuro da alma do que o empenho de um povo na luta pela sua libertação da pobreza, da miséria, das injustiças ligadas à gestão calamitosa de neopolíticas coloniais. Trata-se, no fundo, de um chamado para a reflexão, compromisso e ação para os cristãos africanos. De fato, as pessoas que frequentam a Igreja na África são, ao mesmo tempo, os cristãos e os pobres, vítimas da injustiça social. Nessa perspectiva, o contexto africano é suspeito *a priori* porque as forças de opressão estão ativas nele. Os aspectos sociais e políticos desse contexto são, portanto, os mais relevantes para a reflexão teológica, muito mais do que seus aspectos culturais e religiosos. Tal visão vai ao encontro do que pensa o teólogo peruano, de que a teologia enquanto “reflexão crítica, cumpre uma função libertadora do homem e da comunidade cristã, evitando-lhes todo fetichismo e idolatria” (GUTIÉRREZ, 1986, p.25).

Essa convocação do autor, para a África, como se observa, na perspectiva de uma teologia histórica da libertação, baseia-se em teólogos sul-americanos, aqui encabeçado por Gutiérrez, e apresenta a história do povo de Deus como uma história de libertação, que justifica todo o plano de Deus para seu povo. Desse modo, o povo africano também está historicamente situado e definido em relação ao evento fundador do êxodo. E, dessa forma, a leitura de Gutiérrez leva a pensar na realidade africana, que também encontra ressonância em vários teólogos africanos e que, de todo modo, se insere nessa perspectiva da TdL cunhada por Gutiérrez. O líder dessa corrente é Jean-Marc Ela, teólogo e sociólogo de Camarões.

Para Ela (2003), Deus veio para salvar o homem inteiro. Devemos, portanto, pôr fim à teologia da salvação das almas que “quer levar as almas ao céu como se a terra não existisse”¹¹ (ELA, 2003, p.19). Outro teólogo e historiador camaronês, Engelbert Mveng (1987), observa que através da teologia da libertação, é possível “conquistar a libertação total do homem em

11 Tradução livre a partir do texto original : « veut conduire les âmes au ciel comme si la terre n’existait pas ».

seu encontro diário com Deus¹²” (MVENG, 1987, p. 16). Daí elabora uma espiritualidade do encontro como condição para a transformação das estruturas políticas, econômicas e sociais. Nessa perspectiva, o próprio Gutiérrez enaltece o aspecto da Palavra de Deus como dom para o ser humano e o mundo, e assim afirma a função dos teólogos de “contribuir para maior lucidez nesse compromisso, graças à análise intelectual” (GUTIÉRREZ, 1986, p.21).

Nessa linha de pensamento, o próprio contexto do surgimento e formulação da Teologia de Gutiérrez e a compreensão da libertação também leva a considerar outro elemento do contexto africano: a reconstrução da integridade das culturas e religiões indígenas. Nessa perspectiva também o autor ajuda a reler a situação do continente e os seus vários impasses. Trata-se do que ainda o teólogo jesuíta Mveng (1987) tinha demarcado claramente como uma problemática teológica africana, isto é, uma pobreza mais grave do que a pobreza material: pobreza antropológica ou “pauperização antropológica”.

A África, de fato, tendo sofrido uma negação da humanidade, teve de enfrentar uma situação diferente dos latino-americanos e o nível de relevância profética deveria ser buscado, sobretudo, em termos de cultura e seu fundamento antropológico. É por isso que o teólogo camaronês observa a questão da África como “pauperização antropológica”, ou seja, como ser cristão africano sem ser ocidental. O fazer teológico proposto por Gustavo Gutiérrez, parte do contexto e realidade local, o que ecoa, nesse sentido, com força. O fazer teológico africano, tal repensado por KA Dickson, PA Kalilombe e T. Presler, parece atender a tal apelo, definindo a Teologia africana como “feita em África, [...] em um grau significativo surge da identidade do povo africano, baseia-se em categorias africanas de pensamento e fala sobre a situação histórica do povo africano” (DICKSON; KALILOMBE; PRESLER, 1990, p.74)¹³. Em outras palavras, trata-se da teologia africana, antes de tudo, como a expressão da fé do povo cristão na África antes de ser a dos teólogos profissionais.

Nessa mesma lógica e quase de acordo com o mesmo princípio dialético, Benezeth Bujo, teólogo congolês, propõe uma teologia moral e ética baseada nas tradições africanas: culto aos ancestrais, organização comunitária, referência étnica. Na elaboração de sua cristologia, enfatiza os contornos da visão tradicional do mundo. Assim, de acordo com ele, o Cristo “proto-ancestral” é o título cristológico que pode introduzir uma reflexão crística tanto ao nível da prática eclesial sacramental como ao nível da emancipação dos povos africanos e da libertação das estruturas sociopolíticas opressoras (BUJO, 1990).

Segundo Bujo (1990), é preciso partir dos nomes dados a Cristo pelos africanos em sua vida de fé. Isso porque Cristo é percebido como um proto-ancestral que pode ser associado às lutas africanas pelo desenvolvimento político e econômico e pode “inspirar a organização de democracias nascentes e a reconstrução de estados na África” (BUJO, 1990, p. 159). Tal

12 Tradução livre a partir do texto original : « l'accomplissement de la libération totale de l'homme dans sa rencontre quotidienne avec Dieu »

13 Tradução livre a partir do texto original : “...done in Africa, [...] to a significant degree arises out of the identity of African people, draws on African categories of thought and speaks to the historical situation of African people”.

leitura está, em certo ponto, consoante com Gutiérrez (1986), segundo quem, a inteligência da fé aparece não como inteligência da mera afirmação, e quase recitação de verdades, porém, de “um compromisso, de uma atitude global, de uma posição diante da vida” (GUTIÉRREZ, 1986, p.19). Em outras palavras, chama para uma teologia a ser feita no “chão da vida”, isto é, é a partir dos problemas africanos que se deve pregar a salvação em Jesus Cristo e pensar a Teologia.

A Teologia da Libertação de Gutiérrez vem ao encontro de tal anseio, pois ela firma o compromisso com a ação e a missão da Igreja e faz entender que não é a teologia que gere a pastoral, é antes reflexão sobre ela e assim deve saber encontrar nela a presença do espírito inspirando a ação da comunidade cristã:

A vida, pregação e compromisso histórico da Igreja há de ser, para a inteligência da fé, um privilegiado lugar teológico. (...) Esta abertura à totalidade da história humana é precisamente o que permite a teologia cumprir sem restrições uma função da práxis eclesial (GUTIÉRREZ, 1986, p.24).

Assim, não é possível separar fé cristã e cultura, mesmo que seja necessário distingui-los. Desse modo também se enfatiza a teologia africana da enculturação como corrente teológica que encontra esse problema de libertação de maneira frontal. Dessa forma, a corrente de libertação não deixa de encontrá-la, suscitando debate atual entre fé e a política onde a boa governança, no contexto da globalização, requer a concorrência de tudo, tanto cidadãos comuns como cidadãos crentes.

O retorno a esta unidade indivisível de cultura e religião é uma necessidade para a qual Gutiérrez (1986), nas entrelinhas, interpela a África. Fora da esfera católica, o projeto teológico aberto pelo pastor luterano Mana (1993) parece particularmente fértil, pois, vai além da dialética enculturação-libertação e propõe uma teologia da reconstrução, inspirada pelos profetas do Antigo Testamento, Ageu, Esdras e Neemias nos quais lê o projeto libertador, na perspectiva teológica, e relaciona a luta dos povos africanos ao apelo desses profetas.

Portanto, a leitura da Teologia de Gustavo Gutiérrez à luz da realidade africana provoca qualquer leitor, de onde quer que seja, a questionar ou refletir sobre a sua própria realidade. Esse modo de “fazer teológico”, que parte de “ver” a realidade, julgá-la e agir, é, desse modo, importante para posicionar-se para a missão da Igreja na África e suas tomadas de decisão a partir do horizonte dos pobres, que se tornam chaves hermenêuticas para ler a revelação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Teologia da libertação. Perspectivas é a obra de Gustavo Gutiérrez que guiou a reflexão acerca do objeto desse trabalho de iniciação científica, a fim de destrinchar a teologia do autor como aquela que parte da atenção a uma problemática peculiar, talvez, por caminho modesto, porém sólido e permanente. A profundidade e sistematização sobre a questão da

libertação escancaram a realidade de que a reflexão do teólogo peruano foi mais profunda ao buscar um modo de fazer próprio da Teologia na América Latina. Tal leitura conduziu à atualização para a ação e missão da Igreja na África.

Isso, sobretudo, porque a formulação da teologia da Libertação de Gutiérrez, preocupada com a realidade socioeconômica e de pobreza da América Latina, não pode deixar o leitor sem se questionar sobre a própria realidade de sua terra. Desse modo, a leitura do autor nos provocou a reler a própria realidade do continente africano, tentando dar ênfase na atualização do pensamento do teólogo em relação ao continente africano. A Teologia da Libertação torna-se assim modo de ler a vida e missão da Igreja, no horizonte do pobre como chave hermenêutica da toda a revelação. Dessa forma, o presente artigo buscou apurar essa Teologia do autor, com recorte de sua formulação e contexto de emergência para depois entender sua ressonância na África.

Perceber essas contribuições do autor ajuda na constatação do quanto é admirável observar o legado latino-americano para a teologia africana em prol da construção de uma sociedade mais humana e solidária com os pobres. E, assim, a reflexão teológica ganha vigor diante do apelo para uma teologia com os pés no chão, capaz de transformar a realidade e essa, por sua vez, transformar a teologia. Trata-se, no que foi constatado, da função crítica da teologia com as implicações de se comprometer com a realidade. Isso leva a estar especialmente atento à vida da Igreja no mundo, aos compromissos que os cristãos, impelidos pelo Espírito e em comunhão com outros homens, vão assumindo na história.

Nesse sentido ecoa o apelo para a Igreja se tornar comunhão e participação, como hoje se pode falar da sinodalidade com o papa Francisco. Pois a fé num Deus que nos ama e nos chama ao dom da comunhão plena com ele e da fraternidade entre os homens, “não só à transformação do mundo, mas leva necessariamente à construção dessa fraternidade e dessa comunhão na história” (GUTIÉRREZ, 1986, p.22). É nesse sentido que a leitura do teólogo peruano acentuando especificamente o compromisso da América Latina com a libertação na esfera sócio-política e econômica também ecoou com força para a África.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. C. *Teologia da solidariedade: uma abordagem da obra de Gustavo Gutierrez*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- BUJO, B. *African Christian morality at the age of inculturation*. in NGINDU MUSHETE et alii (ed). *African theology in its social context*. Nairobi : 1990. p. 159-174.
- CARDOSO, F. H.; FALETTO, E. *Dependência e Desenvolvimento na América Latina: Ensaio de Interpretação Sociológica*. 7º ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1970.
- CHEZA, M ; SAAVEDRA, L.M ; SAUVAGE, P. *Dictionnaire historique de la théologie de la libération*, Namur, Éd. Lessius, 2017.

CONSTITUIÇÃO Dogmática *Lumen Gentium*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 29.ed. Coordenação de Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 9-123.

CONSTITUCIÓN Pastoral *Gaudium Spes* sobre a Igreja no mundo atual In: CONCILIO VATICANO II. *Constituições, decretos, declarações, documentos pontifícios complementários*. Petrópolis: Vozes, 2000.

DICKSON, K. A. ; KALILOMBE, P. A ; PRESLER, T. « Development of African Theologies ». In : *Mission Studies: Journal of the International Association of Mission Studies* 2/1 (1985) 53–61, p. 54.

GUTIÉRREZ, G. *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 1998.

GUTIÉRREZ, G. *Teologia da libertação*. Perspectivas. Tradução: Jorge Soares. 6ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUTIÉRREZ, G. *A densidade do presente*. Tradução: Thiago Gambi. São Paulo: Loyola, 2008.

GUTIÉRREZ, G.; MULLER, L.G. *Ao lado dos pobres*. Teologia da Libertação. São Paulo: Paulinas, 2014.
MARC-ELA, Jean. *Repenser la theologie africaine. Le Dieu qui libere*, Paris, Karthala, 2003.

MANA, K. *Christ d'Afrique, Enjeux ethiques de la foi africaine en Jesus-Christ*, Paris-Nairobi-Yaounde-Lome, Karthala, Ceta-Cle Haho, 1994.

MVENG, E. (org.). *Spiritualité et liberation en Afrique*, Paris, L'Harmattan, 1987, p. 16.